

PRÁTICA ESCOLAR E DIFERENÇA

School practice and difference

Simone Ferreira Conforto

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense (1984), graduação em Fonoaudiologia pela Universidade Estácio de Sá (1991) e mestrado em Educação pela Universidade Estácio de Sá (2007). Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em Surdez e Psicomotricidade, atuando principalmente nos seguintes temas: práticas educativas e inclusão, surdez, transformação social e representações sociais de ser surdo. Endereço eletrônico: sissaconforti@yahoo.com.br

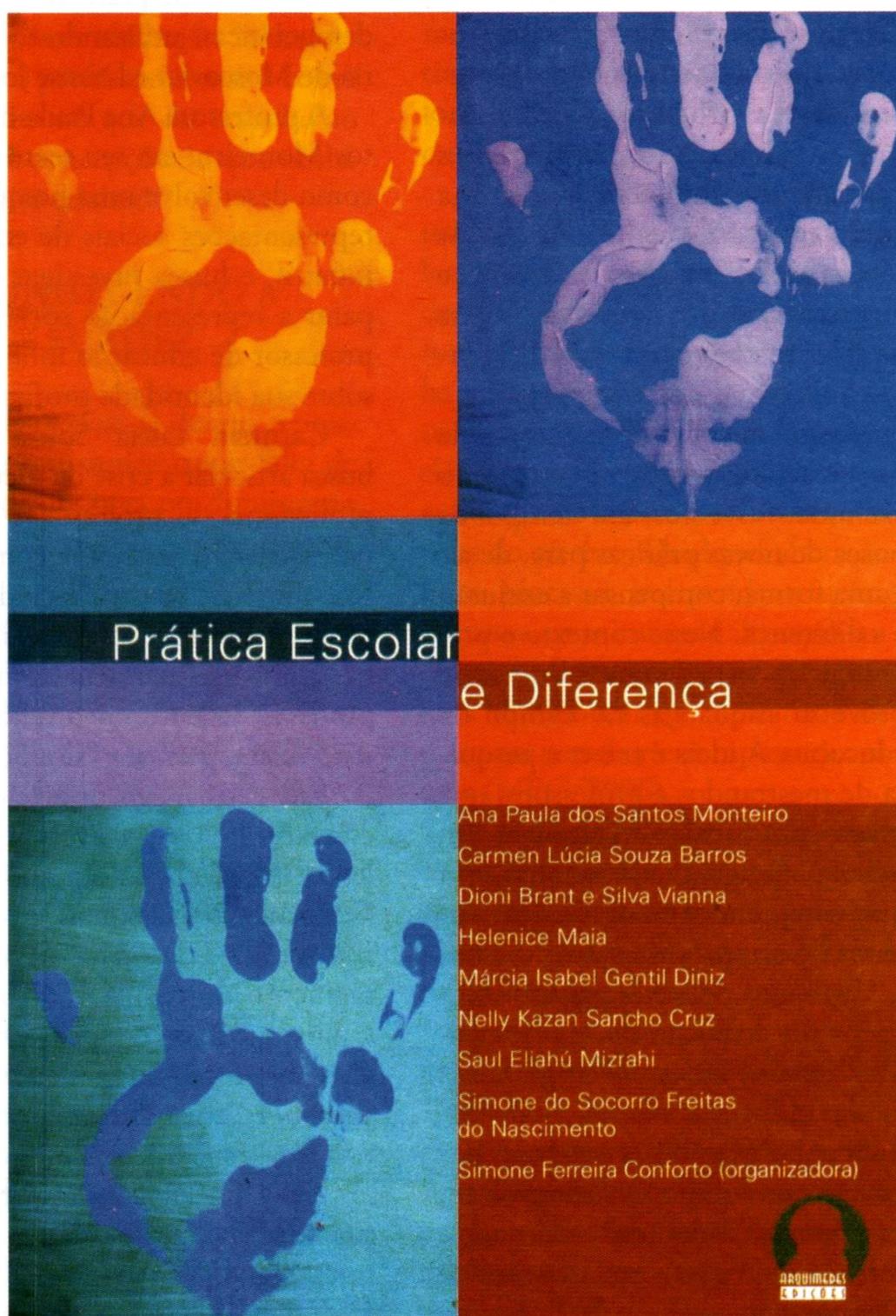
Material recebido em 30 de junho e selecionado em 13 de julho de 2011

Este é um livro¹ único, que surge a partir de muitos bons encontros e discussões sobre a necessidade de repartir e compartilhar ideias e de, juntos, pela força da discussão e pela importância da nossas práticas educativas e da pesquisa em educação, divulgar ideias e publicá-las, pois o nosso país, tão rico culturalmente, é carente de livros e publicações para disseminar as novas pesquisas na universidade e nas escolas.

Assim, na época, mestrandos e docentes da Universidade Estácio de Sá, no mestrado em Educação 2007, nos propusemos a construir sonhos e publicá-los conjuntamente como forma de divulgar as pesquisas desenvolvidas neste espaço acadêmico.

Assim, considerando a educação como um processo de construção de conhecimento e sendo este constituído numa relação, pode-se dizer que a educação consiste numa construção constante de identidade dos diferentes sujeitos nela implicados.

Dada essa construção permanente da identidade no processo educativo, bem como na própria linguagem, pode-se considerar que a identidade está sempre em crise. Isso porque a cada etapa do conhecimento, temos sempre que nos desfazer de uma determinada concepção do “outro” e do “mundo” com os quais nos identificamos ou nos diferenciamos. Consequentemente, necessitamos, também, de nos desfazer de uma determina-



Ana Paula dos Santos Monteiro
Carmen Lúcia Souza Barros
Dioni Brant e Silva Vianna
Helenice Maia
Márcia Isabel Gentil Diniz
Nelly Kazan Sancho Cruz
Saul Eliahú Mizrahi
Simone do Socorro Freitas
do Nascimento
Simone Ferreira Conforto (organizadora)

1 CONFORTO, Simone Ferreira (Org.). *Prática escolar e diferença*. Rio de Janeiro: Arquimedes, 2007.

RESENHA DE LIVROS

da concepção do “eu”, fenômeno este que tem se apresentado de forma mais premente na chamada “modernidade tardia”.

Esse desfazimento dá-se simultaneamente ao conhecimento de outras concepções (do “eu”, do “outro” e do “mundo”) para nos identificarmos ou nos diferenciarmos. Disso decorre que a identidade permanece numa constante tensão dialética entre determinadas concepções presentes e futuras ou passadas e presentes. No processo de construção da identidade de diferentes sujeitos nela implicados, a forma como nos conhecemos, os outros e o mundo, também se altera, e a construção de identidade se faz na relação com o outro, o diferente com o qual nos comparamos.

Assim, vivemos um tempo de urgência em relação ao outro, o excluído. Vivemos um tempo de busca de novas práticas para, de alguma forma, compensar a exclusão e a diferença. Nesse contexto o presente livro trata de novas formas de provocar mudanças no campo da educação. A ideia é trazer a pesquisa de mestrandos e professores que investigam formas de alcançar um novo paradigma educacional, em que os aprendentes se tornem sujeitos do seu próprio saber.

Na busca de novas práticas escolares mais democráticas, e participativas, Simone Freitas investiga, numa escola no Amapá, a formação docente, as políticas públicas e os conceitos excludentes que não desenvolvem as potencialidades dos educandos, contribuindo para a exclusão escolar. Discute o fracasso escolar, a formação docente em educação especial,

como um dos caminhos possíveis para a educação inclusiva.

O artigo de Márcia Gentil analisa a relação entre disciplina e autoridade e liberdade nas práticas educacionais, questionando a práxis docente na atualidade.

Ainda nessa linha, a professora Dione Brant Silva busca apreender com os professores de uma creche e pré-escola os indícios de representações sociais de práticas educativas democráticas, utilizando-se da teoria de Moscovici e Denise Jodelet.

A professora Ana Paula dos Santos Monteiro, em seu texto, indica como desenvolve uma pesquisa em representações sociais de educação infantil, e busca investigar e comparar a representação social que o professor de educação infantil tem sobre sua identidade profissional.

Carmem Lucia Souza Barros busca articular a crise de identidade profissional do professor, e discute não apenas o professor como pessoa, como ele constrói sua identidade a fim de vencer os preconceitos e barreiras, mas também as crises da profissão docente, envolvendo o sujeito social, pessoal e cultural.

Em seu artigo sobre práticas escolares e ética, a professora Helenice Maia analisa os Parâmetros Curriculares Nacionais e o tema transversal Ética para o primeiro segmento do ensino fundamental, e mostra como os especialistas que elaboraram tais documentos defendem uma ética absoluta ancorada nos ideais socrático-platônicos.

Nelly Kazan Sancho Cruz, em sua pesquisa, utilizando-se de autores como Marco Silva e Jussara Hoffman, pretende repensar a avaliação como um instrumento de

valor no processo pedagógico e não como uma sentença autoritária que, portanto, não pode ser desvinculada do processo de aprendizagem.

É possível supor que esta tensão dialética, própria do processo de construção da identidade, e inclusa no processo de ensino, se torna ainda mais intensa quando se trata da educação de algum subgrupo específico que, dada sua história e especificidade, não comunga com o que predominantemente se considera como identidade do grupo maior, no qual o subgrupo está inserido.

A professora Simone Conforto abordou a construção da identidade dos alunos surdos do INES, refazendo o histórico da surdez e sugerindo que a identidade surda sempre foi considerada uma “negatividade”, em que surdo era o “não ouvinte”, o que não fala; aquele que, em função de uma determinada deficiência, apresentava uma “falha” ou uma “falta” em relação a uma identidade que se acreditava fixa. Aborda a surdez não como deficiência, mas como uma marca de diferença.

Em seu texto, Saul Eliahu Mizrahi vê a gestão da escola como um processo dinâmico e desafiador, pesquisando as bases para uma educação de qualidade em um ambiente com problemas de relação, integração e conflito.

Para ele, o fortalecimento da escola, em diferentes culturas, se inicia na construção participativa de interesses comuns.

Os artigos deste livro buscam novos rumos para repensar as práticas educativas com respeito às diferenças, questionando a exclusão do outro, do diferente.